



Diretor- Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)

Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho

**DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS**

ANO: 03

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de junho de 2016

Nº 19

## Mawe apenas col etou versões desconexas sobre Mão de Luva. Fal ta credibil idade!

Escritores da região Serrana Fluminense tem se baseado em livro deixado pelo mineralogista John Mawe, que aqui esteve em 1809, para tirarem conclusões erradas sobre Manoel Henriques, o Mão de Luva, quando a verdade está no Relatório do Sargento-Mor São Martinho, de 1786, usado pelo sociólogo Sebastião Carvalho em seu livro *A Odisseia de Mão de Luva*. ([www.nitcult.com.br/odisseia.pdf](http://www.nitcult.com.br/odisseia.pdf)).

AQUI estão duas páginas do livro de Mawe, as que realmente interessam, no original em inglês, para que os estudiosos

analise, comparando seu conteúdo com as informações de São Martinho, publicadas em *A odisséia de Mão de Luva*.

### CHAP. IX.

*Description of Santa Gallo.— Of the Gold-washing of Santa Rita.  
— Account of the supposed Silver-Mine.*

**C**ANTA GALLO, though so near the seat of government, was not known until about twenty years ago. It is situated in the midst of a fine well-wooded country, abounding in springs, and intersected by narrow valleys and ravines. The bottoms of some of these ravines formerly contained gold, which was accidentally discovered by some grimperos,\* from Minas Geraes, in the course of their searches about the great river Paraíba, and the Rio Pumba. The richness of these beds of gold, and the fertility of the circumjacent country, attracted numbers of adventurers, who placed themselves under the direction of an able chieftain, named Mão de Luva, on account of his having lost one hand, and his wearing a stuffed glove in its place. The band soon amounted to two or three hundred persons, who washed every part in the neighbourhood worth washing, before they were discovered. Being very determined men, they lived free of control, and bade defiance to the laws. It was not until about three years after their first settlement, that the existing government was apprised of them; when, alarmed at the report of their numbers, which was doubtless exaggerated, they sent out spies to discover their rendezvous. This, after much time and great difficulty, was effected; the spies, in wandering through the solitary woods and fastnesses in the neighbourhood, were attracted

toward the place, by the crowing of a cock:— hence the name of Santa Gallo, which was subsequently given to it. They introduced themselves as smugglers, who wished to belong to the fraternity, and after living there some time, found means to give information to government, at Rio de Janeiro, who issued proclamations, offering pardon if the whole body would surrender. This measure was ineffectual; the grimperos were well provided with fire-arms, and determined to defend themselves as long as any gold could be found. In a year or two afterwards, the washings began to fail, and thus the great bond of interest which united them being loosened, some deserted the place, and the rest became less vigilant in taking measures for their defence. The government seized this favourable opportunity of reducing them; a considerable force was assembled in the vicinity, with orders to make an attack at a certain fixed day, which was known to be celebrated by the grimperos as a festival in honour of some saint. At the expected time, while they were engaged at a great banqueting, and too much occupied with their wine to think of their arms, which had been laid aside, (the flints having been secretly taken out,) about a hundred soldiers rushed in among them; those who were sober enough flew to their arms, exclaiming, “ We are sold! we are betrayed! treason! treason!” The contest was short; the soldiers seized the ringleaders, who were either sent to Africa, or imprisoned for life; of the rest, some were taken prisoners, others fled, but were pursued for years afterwards, and a few fell in the attack.

Trabalhos de Mawe, Acácio Ferreira Dias, Amélia Thomaz e Vera de Vives tem servido de base para estudiosos serranos, que, ignorando a obra de Sebastião Carvalho, incorreram nos mesmos erros do passado, contribuindo para a desinformação e a deturpação da história. Agora, com a proximidade dos 200 anos de Nova Friburgo, estamos fazendo um repto aos nossos intelectuais para que assumam as suas responsabilidades e resgatem a dignidade de Manoel Henriques, o Mão de Luva, e da Rainha Maria I, de Portugal, vítimas das inverdades de uma falsa história “romântica” e de deturpações quanto ao caráter de Manoel Henriques, que desbravou esta região, ensinou religião aos índios e enfrentou a fúria de autoridades estrangeiras! (Ver pág.7).

**Mensagem do Diretor do Jornal Cultural**



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

**Vivendo em Cantagalo, Bom Jardim e Nova Friburgo**

**T**rês cidades do estado do Rio de Janeiro foram palco de minha formação, que depois veio a se desenrolar em Niterói: **Cantagalo, Bom Jardim e Nova Friburgo**. Destas, Nova Friburgo foi a única escolhida por mim; para as outras, sendo ainda muito jovem, fui levado pelos meus pais.

**1- Em CANTAGALO**

Na bela cidade de Cantagalo, com sua aprazível praça e imponente igreja matriz, aprendi as primeiras letras, sendo aluno de Dona Yayá e Amélia Thomaz.



Dona Amélia foi minha professora no curso primário e no ginásio, no Colégio Euclides da Cunha, do qual acabei sendo professor, lecionando Inglês para o curso Técnico de Contabilidade.



O velho prédio onde funciona o CEC.

Paralelamente, eu trabalhava como tipógrafo no jornal do meu pai, O Novo Cantagalo, que funcionou na Rua do Rosário, 90 e por último na rua Benjamim Constant 56, hoje Rua Chapot Prevost (prédio recentemente demolido). Cheguei a redator-chefe do jornal, enquanto dona Amélia era a redatora literária. Circulou até o ano de 1965. (Continua na próxima edição)



Redação do jornal



fachada do prédio

**Vincent van Gogh, mestre na pintura e na filosofia...**



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades. mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

**Um quadro de van Gogh**

Vincent van Gogh - óleo sobre tela. [Wheatfield with Cypresses](#)



**Sobre Vincent van Gogh**

A brilhante obra de arte do Mestre Holandês pós impressionista Vincent van Gogh (1853 – 1890) impactou poderosamente incontáveis movimentos artísticos. Produzindo todos seus trabalhos dentro de uma década, a produção de Van Gogh em apenas um ano totalizou 150 pinturas e desenhos. Van Gogh pintava outdoors com um talento especial para capturar as sutilezas da luz e da sombra da noite. Ele sofreu por toda a vida de problemas com doença mental, contudo criou muitas de suas obras quando internado. Embora tenha vendido apenas um quadro, em sua vida, ele permaneceu como um dos mais influentes artistas do século.

Fonte: Van Gogh's Gallery

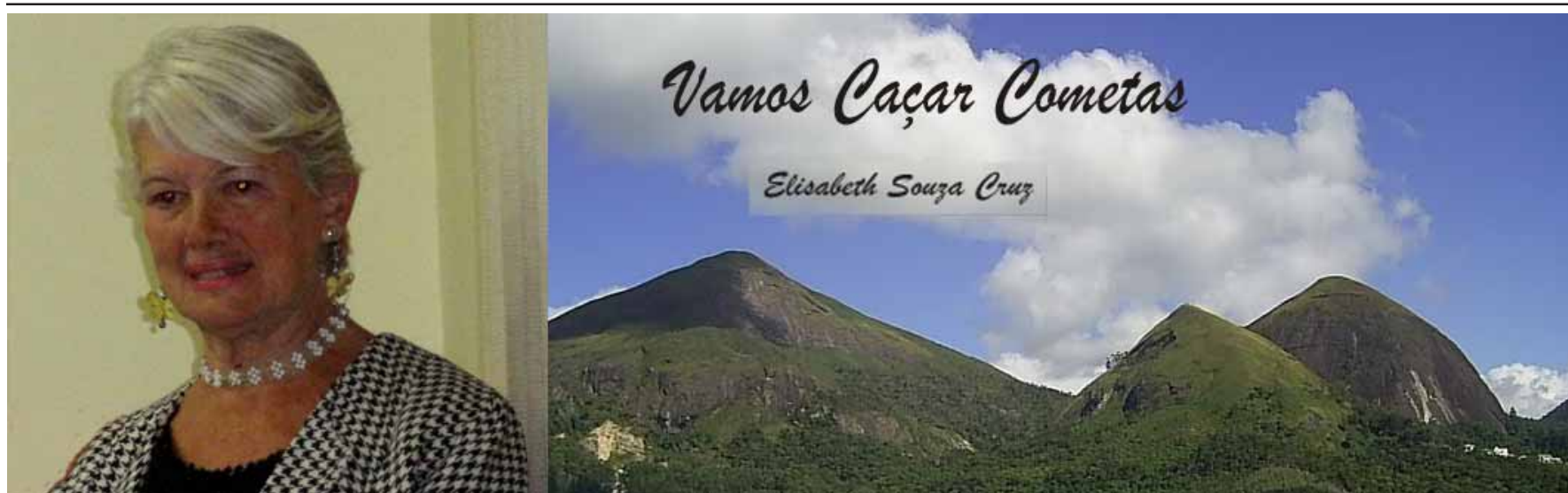
**Uma tela de RM Carvalho**

Rosa Maria Carvalho - óleo sobre tela. [Novo Troncos na mata](#)



RMRC94 - Novo Troncos na mata

[VER Pág. 6](#)



## O Canto de Jaburu

No último mês de abril, vivemos fortes emoções com o falecimento de Júlio Cesar Seabra Cavalcante, o nosso ilustre Jaburu. Nesta edição, com sentimentos de saudade, vimos homenageá-lo de forma diferente, “in memoriam”, se é que podemos dizer que ele nos deixou em 19 de abril – era Dia do Índio e ele, então, foi agregar novas tribos no além. Deixa saudades, muitas saudades! Um cidadão friburguense, apaixonado pela cidade, culto, inteligente, conhecedor da vida, muito humano e, acima de tudo, de uma simplicidade inigualável. Tornou-se um sábio com sua filosofia existencial. Seu legado é compatível com o tamanho de nossas lembranças.

Jaburu, não sendo friburguense de nascimento, amou e conheceu Nova Friburgo como ninguém. Soube apreciar toda a complexidade de um lugar cercado de montanhas, de horizontes estreitos, mas de uma amplidão cultural inegável.

Meu trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na Universidade Candido, foi um estudo da importância de boas entrevistas em jornais, quando o leitor pode ter a oportunidade de se enriquecer culturalmente e, de forma abrangente, nos conhecimentos gerais. Não foi sem razão que a escolha do meu tema se deu em virtude de uma entrevista do jornalista Maurício Siaines, publicada em 03-05-2012, no Jornal A VOZ DA SERRA, onde Jaburu dizia maravilhas sobre Nova Friburgo. Gostaria, então, de partilhar com os leitores do nosso Jornal Cultural, alguns trechos da entrevista.

[...] Friburgo há de reagir e tornar-se melhor do que era. E esse monumento não é uma lástima, não é choramingar, é um processo de constatação de que nós, politicamente, sabemos reivindicar nossos direitos de cidadãos. Uma das maiores características de Friburgo é não ser uma cidade monolítica, não é um totem de cimento.

[...] É uma cidade muito difícil de ser compreendida, tem influência dos libaneses, dos espanhóis, dos franceses, dos suíços, dos alemães, dos índios: é uma complexidade. Por isto é difícil administrar Friburgo, porque uma pessoa só jamais vai compreender os sonhos e os anseios da população de Nova Friburgo. Além dessas montanhas que nos rodeiam, a energia que corre aqui é muito forte. Disse um trovador que essa energia é simplesmente a poética aristotélica.

[...] Há uma inércia impregnada no nosso comportamento e só se faz a mesma coisa a vida inteira. As pessoas falam: “Você vê, eu nunca mudei!” Essa dinâmica de mudar é muito pouco característica, não só de Friburgo, mas da serra, pela falta, talvez, de horizontes.

[...] é preciso tentar ser feliz onde se vive. O pássaro azul, do dramaturgo belga Maurice Maeterlinck, que representa a felicidade, não está lá, mas aqui, no nosso terreno, na nossa casa, na nossa cidade. Mas para se compreender isto são necessárias duas coisas fundamentais: conhecer nossa história e preservar nossa memória. Um grupo de pessoas que não tenha sua história conhecida e que não preserve sua memória no inconsciente coletivo é um conjunto de ninguém

[...] Esta é a ideia do Gama: um trabalho de conhecimento e preservação da nossa história. Temos o Dom João VI, o Galdino, o Guignard e, agora, o Memorial 12 de Janeiro. Virão, agora, mais três monumentos, em Olaria, em homenagem a essa coisa fantástica, profundamente cultural, que é o esporte.

[...] O destino de Friburgo não é o choramingar, é o cantar. É uma cidade dionisíaca, quer queiram, quer não queiram.

As considerações de Jaburu sobre nossa cidade refletem o magnetismo de sua alma vibrante, que mantinha o olhar para além da atmosfera comum. Não é possível pensar em Jaburu com a tristeza que reveste a morte. Não temos o direito de lamentar sua ausência, pois, quem deixa um legado enriquecido de grandes realizações, jamais deixa o mundo dos vivos. A morte é a nossa única certeza e, sendo assim, implacável, deve ser razão para bons projetos de vida. Nisso Jaburu se empenhou! Quando suas cinzas foram, delicadamente, depositadas no entorno do pé de ipê branco, no canto onde agora temos “O Canto de Jaburu”, no Country Clube, pudemos sentir que nada somos se não formos construtores de boas obras em vida. Somos um pó que retorna para a terra e coisa alguma representaremos se na bagagem espiritual não levamos o saldo positivo de nossas ações.

O Canto de Jaburu, inaugurado em 22 de maio, um domingo azul, reluzente, é o lugar de ser feliz. É o canto onde nos recolheremos para ter inspiração de nobres ideais. É o canto onde estaremos recarregando as energias para o caminhar sereno e sustentável. É o canto onde ouvires o canto da ave, O Jaburu, que bateu asas para novas conquistas em outros planos, certamente, inimagináveis em nosso olhar terreno limitado.

Jaburu virou estrela,  
multiplicando a saudade.  
Sua luz podemos vê-la  
iluminando a cidade!



## Quando os indisciplinados são os pais ou responsáveis

Nem sempre o educando é o irresponsável. Ele pode ser induzido à irresponsabilidade se os seus responsáveis não respeitam as normas estabelecidas pela escola e que foram aceitas no ato de assinatura de um contrato de prestação de serviço educacional.

Por vezes um pai, mãe ou responsável pelo educando pensa que as normas existentes dizem respeito aos filhos e que a escola deve ser benevolente com os responsáveis por serem clientes diretos.

Um educando, de fato, não deveria ser prejudicado pela falência da responsabilidade paterna ou materna, no entanto, se as famílias perceberem que a questão da educação não é prerrogativa só da escola, perceberão que necessitam fazer um esforço para colaborar diretamente com a educação dos filhos.

Se os pais são relapsos os filhos acabam por entender que não há norma nem regra a ser seguida. Provavelmente, os pais ou responsáveis, por serem mais velhos e, em alguns casos, pagantes tudo podem. Cresce dentro da mente e do coração dos educandos a vontade de, um dia, chegar ao status de adulto para fazer a mesma coisa.

O ponto de partida da responsabilidade dos adultos está na leitura do projeto pedagógico da escola que deveria preceder o ato da matrícula ou assinatura do contrato de serviço. A adesão ao paradigma pedagógico da escola é uma condição para que os educandos possam progredir humanamente.

É impossível pensar que a escola conseguirá agradar a todos a ponto de todos recebendo, poder aceitar as mais variadas vontades particulares em detrimento da educação de todos.

Assim, parece-me ficar claro, que não são os responsáveis que deverão realizar dentro da escola os seus projetos de educação, mas, ao contrário, a escola com seu projeto, receberá pessoas que se adaptem ao paradigma proposto.

Também essa afirmação não significa alijamento dos responsáveis do processo educativo. A construção do projeto pode e deve ter a concorrência das famílias, no entanto, cada escola, conforme seu paradigma ou carisma tem o direito de estabelecer os parâmetros de seu sistema educativo e do perfil de cidadão que pretendem formar.

As famílias e aos responsáveis cabem dois papéis importantes: primeiro participar da elaboração do projeto educativo ou de sua reformulação, escolhendo para educar seus filhos aquela escola que melhor se coadune com seu modo de pensar e sentir; o segundo, após ler e entender o projeto de uma determinada escola, se aceitar o projeto ali existente, matricular o educando e assinar o contrato.

A partir daí todos são responsáveis pela educação: a escola em cumprir seu projeto e, as famílias, em colaborar para que ele cumpra amplamente seu papel.

Fora disso, alguém não está dentro dos limites: pode ser a escola que fez uma proposta e desempenha papéis diferentes como podem ser os responsáveis que não ligam para o que assinaram. Em ambos os casos o prejudicado será o educando pela contínua vivência de situações opostas, criando conflitos em seu cérebro e coração, sobre o sentido da necessidade e da verdade das práticas educativas.

### **Afinal, o estudante pensa, ou não?**

*Sebastião A.B. de Carvalho*

**A**s recorrentes ocupações de escolas por estudantes, cada vez mais ativos e contundentes, fazem com que voltemos a recomendar uma radical mudança no processo educacional brasileiro. Mudança que coloque o estudante como ativo participante do planejamento, da administração e da execução do ensino, o que viria a fazer com que ele passasse a se considerar como verdadeiramente incluído na escola, e não um prisioneiro, condenado sem julgamento nem oportunidade de defesa.

Na verdade o que vemos é o estudante ser tratado como se não fosse dotado da capacidade de pensar! Parece que se lhe aplica a tese da “tabula rasa”, que é como antigamente se falava sobre o aluno que é colocado à disposição do professor.

Mas o aluno do terceiro milênio, que usa os avanços tecnológicos e conhece os meandros da política, tem consciência de seu valor, e não mais aceita a condição passiva que lhe é reservada!

Um antigo manual denominado “Didática Mínima” afirmava que “O professor não pode dizer que ensinou se o aluno não aprendeu!”. Está bem implícita, aí, a vital importância do aluno, que é afinal para quem a educação e o ensino existem! Não compreendemos, por conseguinte, a razão pela qual ele é colocado como totalmente passivo e inoperante diante do que é mais importante em sua vida: a escola.

Parece que os responsáveis pela educação no país estão totalmente cegos, mudos e surdos diante dessa situação escabrosa do aluno, que é desrespeitado em sua individualidade e roubado em seus direitos de autoafirmação.

**Até quando?**



Este jornal convidou o literato e professor ROBÉRIO CANTO para colaborar com este novel órgão de divulgação das letras e das artes de Nova Friburgo. O ilustre acadêmico aceitou prontamente, autorizando-nos ao uso de escritos existentes em seu blog e livros. Continuamos publicando seus escritos...

## Almoço em escola de samba

**O diretor social tremeu nas bases. Como ser diplomático às 2 da tarde, num domingo de fome, sol, cerveja e caipirinha? - Do livro “Vento nas casuarinas”**

**I**magine almoço em escola de samba. Brota aquela fome secular, que vem do tempo da escravidão, percorre todos os cantos do país, atravessa toda a história de um povo em constante estado de inanição. Almoço em escola de samba é fome hereditária, coletiva. Cada um dos desnutridos olha para as caras esfomeadas da mesa ao lado e sente a própria fome crescer na contemplação da fome alheia. De repente, o barracão inteiro é um estômago vazio, são entranhas que roncam furiosas.

Pois bem, trata-se justamente de um almoço em escola de samba. Domingo de sol, caipirinha e cerveja despencando em cascata desde nove horas e já são quase doze. O objetivo é juntar grana e pagar as costureiras. Só porque no ano passado ficaram no ora-veja, elas agora não querem entregar as fantasias a não ser à vista do dinheiro. No afã de alcançar tão nobre ideal, venderam-se pra mais de 500 convites. O presidente da entidade chegou a nomear um Secretário Extraordinário para Assuntos Gastronômicos. A escolha recaiu sobre um associado que, por mais de 20 anos, administrara um bar famoso pela qualidade de seus salgadinhos. Verdade que cada salgadinho era consumido juntamente com três dedos de cachaça, de modo que teria sido mais prudente relativizar a opinião dos fregueses.

Mas em nada disso se pensou na hora e o novo diretor logo assumiu o comando da operação, estabelecendo as quantidades de ingredientes necessários para alimentar a multidão. Houve grandes debates a respeito de qual seria o prato do dia. O assunto foi posto em votação, em reunião de diretoria, tendo-se chegado aos seguintes resultados: angu à baiana: 3 votos; feijoada: 4 votos; estrogonofe de carne: 6 votos.

Vitorioso no pleito democrático, o estrogonofe logo se tornou a grande expectativa do bairro. No dia do evento, bancos, cadeiras e caixotes foram espremidos na quadra, pratos e talheres cada um trouxe os seus, copos eram de papelão. Meio-dia e pouco começa a distribuição do rango. Às 13 horas já o estrogonofe rareava, o arroz encolhia-se no fundo dos panelões. Às treze e trinta de estrogonofe metade do povo só havia sentido o cheiro. O presidente subiu ao palco e pediu paciência à multidão, garantindo que já-já vai sair o melhor estrogonofe que vocês comeram na vida. Enquanto a boia não chegava, o jeito era ir enganando com mais batida e cerveja. Às 14 horas, o povão começou a bater com os talheres no prato e o barulho cresceu tanto que mais parecia um ensaio geral para o desfile.

A primeira-dama, vendo a sinuca em que o marido estava metido, e lembrando-se do antigo juramento — na

alegria e na dor, na saúde e na doença —, tentou falar ao microfone. Mal pronunciara a saudação: “Minha gente amiga...” já do meio da horda veio a resposta: “sai fora pelancuda!”, logo seguida por outra: “Chama o chifrudo do teu marido!” Assustada, a digna senhora retirou-se para os bastidores, onde o alto comando se rendia à evidência de que não tinha como apaciar a sanha da turba famélica.

Após sucessivas deliberações, em que vários escolhidos declinaram da honraria, o diretor social foi indicado para apaziguar a corja. Antes dele, já abrira mão da incumbência o tesoureiro (“Eu sou cobrador, vou ser mal recebido”), o assessor de imprensa (“Meu coração não vai aguentar tanta emoção”) e o mestre-sala (“Hoje estou completamente afônico”). Mas a vaidade do diretor social não resistiu ao elogio que lhe fizeram: “Você é um diplomata, o homem certo para os momentos de crise!” Assim adulado, lá se foi o homem, pegou o microfone, pediu um minuto da vossa preciosa atenção e pigarreou. Vista do alto do palco, a plebe mais parecia uma assembleia de vampiros, olhos arregalados, os dentes à mostra, fazendo com os talheres o barulho de mil zabumbas.

O diretor social tremeu nas bases. Como ser diplomático às 2 da tarde, num domingo de fome, sol, cerveja e caipirinha? “Vocês querem estrogonofe?”, perguntou ele, da maneira mais delicada que pode. “Queremos!” rugiu o populacho em resposta. E foi aí que o diretor social mostrou porque tinha adquirido o apelido de Itamarati: “uma coisa é você quiserem, outra coisa e vocês comerem, macacada!” O primeiro prato bateu na testa do locutor oficial, o segundo atingiu a porta-bandeira, embora esta tentasse se proteger com uma panela vazia. O resumo da história é o seguinte: as costureiras não receberam, mas a escola também não desfilou. E o presidente até hoje anda querendo saber de sua digna esposa por que o chamaram de chifrudo.



**Artista brasileira resgata a arte impressionista de Van Gogh**  
 Rosa Maria coloca sua inspiração a serviço do resgate da beleza, exaltada pelos artistas impressionistas europeus

FAREMOS, aqui, a divulgação da obra de ROSA MARIA WERNECK ROSSI DE CARVALHO, reproduzindo telas por ela pintadas. Apresentamos algumas de suas mais recentes produções, nas quais ela nos oferece um belo visual multicolorido, exprimindo seu amor pela natureza, numa interpretação plena de sensibilidade e técnica.

**GALERIA RM CARVALHO - 9**



70x50 - 89 = Ypês rosa e roxo



70x50 - 90 = Amor perfeito cor



70x50 - 91 = Paixão selvagem



70x50 - 92 = Ponte da Saudade



**ROSA MARIA** nunca frequentou curso de desenho e pintura, nem foi precocemente introduzida nas artes plásticas. Simplesmente, um dia, ela resolveu tentar pintar aquilo que estava vendo com sua visão interna! A influência do Mestre Vincent van Gogh faz-se sentir, e ela então se entrega ao trabalho com grande entusiasmo e devoção. No ritmo que a vida normal permite, Rosa Maria faz o seu trabalho!...

## Mawe apenas col etou versões desconexas sobre Mão de Luva. Comparemos com o relatório oficial do sargento-mor São Martinho.

**V**amos comparar informações de Mawe e de Acácio F. Dias, com as de São Martinho, militar que invadiu o reduto de Mão de Luva e o prendeu. Com isso, pretendemos lançar luz ao assunto, em benefício da memória do desbravador da Região Serrana Fluminense.

### Da obra de Mawe:

Em seu livro, Mawe registra duas situações referentes à invasão do Descoberto dos Sertões do Macacu:

1- O governo enviou espiões que se fizeram de pobres desejosos de pertencerem à fraternidade dos Luvas, lá ficaram por um tempo, conseguindo depois informar sobre o esconderijo do bando. Foi difícil achar o local, facilitado pelo canto de um gallo, ao que Mawe atribuiu a origem do nome Canta Gallo, embora saibamos que já existia, como Córrego do Canta Gallo. O governo lançou proclamas oferecendo perdão se todo o bando se rendesse. Não funcionou.

2- Cerca de dois anos depois, sabendo que a atividade no Descoberto estava diminuindo, o governo tratou de organizar uma grande expedição. Aproveitando-se da ocasião da realização de uma festa no Descoberto, em honra de um santo, tratou de anular as armas dos garimpeiros, deixadas de lado durante a festa, e com cerca de cem soldados, invadiu o recinto de Mão de Luva. Alguns se lançaram às armas, gritando: “Fomos traídos!”. Mas a luta foi rápida e todos presos. Alguns foram mandados para a África; outros colocados em prisão perpétua; alguns perseguidos por anos; uns poucos morreram em combate.

### Da obra de Acácio Ferreira Dias:

1- Manoel Henriques teria sido um nobre português, o Conde de Santo Tirso, partícipe de uma revolta política, preso e exilado para o Brasil. Porém amante da Rainha D. Maria I, foi por ela visitado na masmorra, ocasião em que ela lhe beijou a mão direita. Ele então jurou que essa mão seria resguardada para sempre com o uso de uma luva preta... Daí a alcunha de Mão de Luva!...

2- O nome Cantagalo teria origem quando os agentes da lei, procurando o refúgio de Mão de Luva, ouviram o canto de um gallo. Prosseguindo, encontraram um membro do bando que, com promessas de dinheiro e perdão, indicou o esconderijo e ainda retirou as escorvas das armas. Um traidor! Com essa vantagem, São Martinho teria podido penetrar nos domínios do Luva, tendo invadido e arrasado com tudo, do modo mais violento possível!

### Do Relatório do Sargento-Mor São Martinho:

São Martinho nada fala sobre o tal canto do gallo. Sua expedição foi muito bem planejada e executada. Não dependeu de um gallo para localizar o reduto do Luva! MAWE erra ao atribuir a origem do nome Cantagalo ao episódio do canto do gallo. O nome Córrego do Canta Gallo já existia, sendo o único local em que, no seio de uma vasta região de mata cerrada, existiam galináceos.

Para a invasão, São Martinho mandou antes dois militares que com alguns negros, forjaram uma “mascateação”, e assim conseguiu entrar nos domínios de Mão de Luva. Foram esses infiltrados que retiraram as escorvas das armas e convenceram o garimpeiro a abrir as portas à falsa mascateação. Não foi necessário usar de violência para

dominar a situação, visto que o próprio Mão de Luva, vendo que havia sido “traído” pelos infiltrados, que desativaram as armas, -- ordenou que não resistissem.

Quando invadiram, o Luva tentou atirar, mas a arma falhou por causa do que lhe haviam feito. Um dos militares infiltrados levou um tiro de raspão, tipo fogo amigo!

Mas não houve grande violência como diz Acácio Dias!

Apenas foi destruído o garimpo: Lavouras, utensílios, paiós, etc. A criação foi doada aos índios.

Baseados no Relatório de São Martinho podemos afirmar que nunca existiu um traidor nas hostes de Mão de Luva. Como mostramos acima, foram militares infiltrados com a tal mascateação, que tiraram as escorvas às armas e convenceram o Luva a abrir as portas. Acácio inventou um traidor por motivo que ignoramos!

Também foi Acácio Ferreira Dias quem inventou a história do Conde de Santo Tirso, suposto amante da Rainha D. Maria I.

Infelizmente, intelectuais como Amélia Thomaz e Vera de Vives aceitaram tal versão e nela trabalharam, contribuindo para a propagação da lenda e da fantasia, em detrimento da verdade histórica. Na verdade, dois vultos importantes tiveram suas imagens denegridas: Manoel Henriques, o Mão de Luva e Dona Maria I, pois nunca foram amantes. Inclusive, Manoel Henriques era brasileiro, natural de Ouro Branco MG, e nunca esteve em Portugal.

Também Prefeituras de alguns municípios da região Serrana Fluminense aceitaram e oficializaram falsas versões sobre Mão de Luva, incorrendo em grave erro cultural, devendo então corrigir tais grotescas distorções da verdade histórica.

### Baixar:

[www.nitcult.com.br/odisseia.pdf](http://www.nitcult.com.br/odisseia.pdf)

